

AS SETE FESTAS DO SENHOR

PRÓLOGO

As festas do Senhor, conforme descritas no capítulo 23 de Levítico, eram “*festas fixas*” (ou “*solenidades*”), isto é, tempos acertados para o povo aproximar-se de Deus e apresentar sacrifícios (v. 37).

Para o Senhor não eram festas do povo, mas “*festas fixas*” do Senhor, realizadas para Ele e para a Sua glória. Quando a tradição e os ritos as despojaram de seu verdadeiro significado (ao ponto de excluir delas o próprio Senhor Jesus), tais festas foram simplesmente denominadas “*festas dos judeus*” (João 5.1; 7.2).

Estas festas, além do seu valor histórico por serem celebradas em Israel, têm também um significado simbólico e um alcance profético. Focalizaremos apenas este último para dedicar-nos a buscar a sua aplicação à vida cristã.

Por outro lado, os caminhos do Senhor são os mesmos quer para o Seu povo terreno, ou para o Seu povo celestial ou, particularmente, para cada um dos Seus resgatados.

Alegra-nos lembrar que o cristão não celebra festas rituais (Colossenses 2.16; Gálatas 4.10), mas as de Levítico 23 podem considerar-se como outras tantas experiências espirituais que o resgatado experimenta talvez até mais de uma vez na vida cristã.

Para nos aprofundarmos no assunto, recomendamos ao leitor o estudo dos comentários de C. H. Mackintosh sobre o Pentateuco.

INTRODUÇÃO

O **sábado** é mencionado no início das festas fixas (Levítico 23.2-3) sem, contudo, fazer parte das sete festas (v. 4). “O primeiro pensamento de Deus é o repouso (Gênesis 2.2-3), não a inatividade, mas a satisfação profunda que experimentou ao ver concluída Sua obra. Deus deseja que os Seus sejam participantes do repouso, mas, para gozá-lo, não deve haver nem sequer um único pensamento que não se possa compartilhar com Ele” (J. N. Darby).

O repouso, embora seja o primeiro pensamento de Deus, na realidade é o resultado final, a meta, o fim de todos os Seus planos. É necessário todo o ciclo espiritual das sete festas para que o Seu povo seja levado ao Seu próprio repouso, não ao repouso da Criação, mas ao repouso da Redenção, isto é, a toda a satisfação que Deus encontrou na Pessoa e na Obra de Seu Filho amado, repouso da Igreja e do próprio resgatado no céu, repouso de Israel na terra durante o Milênio e repouso da Criação, que gozará da gloriosa liberdade dos filhos de Deus (Romanos 8.21).

O pecado tornou impossível ao homem gozar este repouso sem a sua redenção; daí a necessidade da primeira festa, a Páscoa, fundamento das

outras. Deus achou Seu repouso absoluto na Obra de Cristo. Ele vê o sangue do Cordeiro nas “*ombreiras e na verga da porta*” (Êxodo 12.7), isto é, no batente.

Para nós, a base de todo o repouso é que Deus aprecia a Obra de Cristo. Sem dúvida que, para sermos salvos, devemos apropriar-nos desta Obra pela fê, assim como cada família israelita devia escolher um cordeiro, guardá-lo, matá-lo, untar com seu sangue o batente da porta de sua casa, confiando na promessa de Deus feita a Moisés de que, assim fazendo, o primogênito estaria protegido. Esta é a responsabilidade do homem, mas o fundamento de todo repouso está no fato de que Deus Se satisfiz com a Obra de Cristo na cruz.

O cordeiro pascal é também o alimento daqueles que já estão no abrigo que oferece o seu sangue. Assim, a Páscoa se transformará para Israel no memorial a ser celebrado anualmente em lembrança da maravilhosa libertação realizada de uma vez para sempre. Assim é a **Ceia do Senhor** para o cristão. A Páscoa antecipa a cruz; a Ceia a comemora.

A Páscoa estava intimamente ligada à **Festa dos Pães Asmos**, a qual durava sete dias. Na própria Páscoa já se encontram os pães sem fermento; somente o Senhor Jesus não teve nenhum pecado. Ao abrigo do Seu sangue, o redimido se nutre dEle, o Cordeiro de Deus oferecido em sacrifício, mas também Homem perfeito que glorificou plenamente a Deus ao estar absolutamente separado de todo o mal.

Além disto, unido a Cristo, o crente é exortado a viver durante toda a sua vida separado do mal, tão perfeitamente quanto Cristo manifestou esta separação. De fato, a festa da Páscoa e a dos Pães Asmos eram celebradas como se fossem uma só (Lucas 22.1). Não se pode dizer: “Cri no Senhor Jesus e estou salvo” e, a seguir, viver como as pessoas do mundo.

A terceira festa, chamadas das **Primícias**, consistia em oferecer a Deus “*um molho das primícias*” da colheita e só poderia celebrar-se “*na terra*”, isto é, em Canaã (v. 10). O Egito é figura do mundo, do qual o povo de Deus é tirado. O deserto é o que este mundo tem sido para o crente: lugar de combate e de provações, mas também de numerosas experiências espirituais da graça divina.

Para entrar no país, isto é, na plenitude das bênçãos que temos em Cristo, é necessário atravessar o Jordão ou, em outras palavras, termos experimentado a morte e ressurreição com Cristo (Colossenses 3.1-3).

Ao chegar a colheita, devia-se separar o primeiro molho e oferecê-lo ao Senhor **no dia após** o primeiro sábado da semana da Páscoa (v. 12). Trata-se de uma viva figura de Cristo ressurreto de entre os mortos, “*primícias dos que dormem*” (1 Coríntios 15.20), como também figura daqueles que, unidos a um Cristo ressurreto, somos chamados a andar em novidade de vida. É o lado positivo da vida cristã.

Cinquenta anos mais tarde, realizava-se a Festa do **Pentecostes** (ou Festa das Semanas), na qual era apresentada uma nova oferenda ao Senhor, no dia seguinte ao sétimo sábado. Este primeiro dia de uma nova semana prefigura a descida do Espírito Santo (Atos 2.1-4), poder para o andar do crente.

Um longo período ocorria sem festa até o sétimo mês. E isto não acontece também na vida cristã? Uma pessoa tem sido levada ao Senhor

Jesus; em certa medida está vivendo separada do mundo e está usufruindo uma nova vida guiada pelo Espírito Santo. Agora, lentamente, estas bênçãos tão apreciadas vão perdendo seu atrativo. Esta pessoa se descuidou um pouco ou, talvez, insensivelmente, adormeceu. É necessário que Deus a desperte.

No primeiro dia do sétimo mês, o som das trombetas anunciava outra solenidade: a festa das **Trombetas**. Por uma poderosa ação da Sua Palavra, por uma provação ou por outro meio qualquer, Deus quer levar aquela alma a uma comunhão mais íntima com Ele.

Entretanto, se a graça divina restabelece e restaura, isto não pode acontecer sem um exercício de consciência do qual nos fala o **Dia da Expição** (v. 27). É imprescindível que esta pessoa, tanto quanto possível, seja levada a uma apreciação muito mais profunda do que é o pecado aos olhos de Deus, dos sofrimentos de Cristo para expiá-lo e do valor do Seu sangue. A alma então se encomenda a Deus, descansando no sacrifício realizado há tanto tempo, mas de valor sempre atual.

Poucos dias após a aflição da festa do Dia da Expição, chegava a alegria da festa dos **Tabernáculos**. É figura do gozo da comunhão do crente com Cristo e do gozo e bênção de Israel sob o cetro do Messias. Mas também, no oitavo dia desta festa, vemos a antecipação do céu e o gozo eterno de todos os redimidos.

Em todas estas festas deviam se oferecer sacrifícios, particularmente holocaustos, como vemos em Números capítulos 28 e 29, durante a maior parte dos dias solenes. Nenhum progresso espiritual real pode ser conseguido sem o sentimento de que Cristo ofereceu-Se a Deus, de que cumpriu a vontade do Pai, de que Se propôs glorificá-IO em tudo

Sem dúvida, o que foi feito a nosso favor, mas é preciso irmos mais longe para compreendermos o que é devido a Deus por aqueles que somos beneficiários das bênçãos representadas por estas festas: *“Da Minha oferta, do Meu manjar para as Minhas ofertas queimadas, do aroma agradável, tereis cuidado, para Mas trazer a seu tempo determinado”* (Números 28.2).

Finalmente, Deuteronômio capítulo 16 menciona as três grandes festas: a da Páscoa e dos Pães Asmos, a de Pentecostes (ou das Semanas) e a dos Tabernáculos. Este capítulo, escrito para o tempo quando Israel estivesse *“na terra”*, enfatiza a reunião do povo no lugar que o Senhor escolhesse.

A Páscoa indica a aflição; o Pentecostes, o gozo compartilhado com os gentios (os dois pães); e os Tabernáculos indica o gozo completo: *“De todo te alegrarás”* (v. 15).

O israelita, da mesma maneira como hoje o cristão, não se apresentava perante Deus para obter uma bênção ou para fazer-se merecedor de algum mérito, mas para agradecer pela bênção recebida.

Durante a longa história de Israel, estas festas foram esquecidas, descuidadas ou mal observadas, mas o Espírito de Deus Se compraz em citar e frisar as ocasiões em que a Páscoa ou a festa dos Tabernáculos foram celebradas segundo as prescrições divinas como gozo de uma nova comunhão com o Senhor.

E muitas vezes não acontece também assim em nossa vida? E se há momentos em que Deus nos quer falar ou restaurar a nossa alma para fazer-nos progredir espiritualmente, saibamos escutar, humilhar-nos perante Ele e contemplar a Cristo e Sua Obra.

“Esforcemo-nos, pois, por entrar naquele descanso, a fim de que ninguém caia, segundo o mesmo exemplo de desobediência” (Hebreus 4.11), repouso que nos tem sido conseguido por tão elevado preço!

A PÁSCOA

**Êxodo 12.1-13; Números 9.1-5;
Levítico 23.5; Deuteronômio 6.1-8**

Deus quer reunir Seu povo ao redor de Si mesmo, em Seu repouso e para que anuncie Seu louvor (Isaías 43.21). Para que isto seja possível, tudo deve estar em ordem, não somente pela graça, mas também pela justiça, porque Deus é tanto luz quanto amor. Figurativamente, a Páscoa lançará os fundamentos desta obra.

“Este mês vos será o principal dos meses; será o primeiro mês do ano” (Êxodo 12.2). Algo inteiramente novo vai começar; o que tinha passado não interessava mais para Deus. O ano civil continuava, mas um novo ano começaria, marcado por novas relações com Deus e sob uma base inteiramente diferente.

Aconteceu isso mesmo conosco no momento da conversão e do novo nascimento? Talvez tenhamos sido levados a Cristo aos doze anos, ou aos vinte, ou aos sessenta, mas o importante para Deus são somente os anos da nova vida: *“Se alguém está em Cristo, é nova criatura; as coisas antigas já passaram; eis que se fizeram novas”* (2 Coríntios 5.17).

Vamos considerar quatro aspectos da Páscoa:

- O lado de Deus
- O lado do resgatado
 - A Páscoa como alimento
 - A Páscoa como memorial.

O lado de Deus

O pecado impede o repouso ao homem desde a queda. É como disse o Senhor Jesus: *“Meu Pai trabalha até agora, e Eu trabalho também”* (João 5.17).

Não há repouso sem a redenção, sem a Páscoa, figura da Obra perfeita realizada na cruz.

Deus tinha perante Si um Cordeiro, Cordeiro predeterminado mesmo antes da fundação do mundo, mas no tempo certo manifestado. É por isso que Êxodo capítulo 12 não fala de muitos cordeiros, embora cada família devesse sacrificar um. Para Deus há um único Cordeiro: Seu Filho amado.

O cordeiro devia ficar em quarentena durante quatro dias para manifestar que não tinha defeito. *“Foi Ele tentado em todas as coisas, à*

nossa semelhança, mas sem pecado” (Hebreus 4.15). E o Cordeiro de Deus só manifestou perfeição durante a Sua vida aqui. Os quatro evangelhos o testificam.

Mesmo um cordeiro perfeito, estimado por aqueles que viviam com ele, não os podia salvar. *“É o sangue que fará expiação, em virtude da vida”* (Levítico 17.11). (Veja-se a explicação da palavra “expiação” no final do livro.). Este cordeiro estimado devia ser morto e um ramo de hissopo devia ser embebido com seu sangue e usado para untar o batente da porta da casa. E com quem ansiedade o primogênito da família deve ter acompanhado todos os movimentos do pai para estar certo de que tudo estava sendo feito conforme a ordenança divina, pois que, somente assim, ele escaparia da morte!

Mas não cabe a nós apreciar o valor do sangue; é Deus que o faz. Ele disse: *“O sangue vos será por sinal nas casas em que estiverdes; quando Eu vir o sangue, passarei por vós”* (Êxodo 12.13). Deus não permitiria que o destruidor entrasse naquela casa para matar o primogênito. E que sangue o Senhor via ali? Não o do cordeiro imolado naquela tarde naquele lar israelita (sangue que não podia tirar o pecado), mas o sangue de Seu Filho amado, sangue que seria vertido na cruz do Calvário.

A justiça de Deus devia ferir os egípcios que desfaziam de Sua Palavra e das Suas obras, mas esta mesma justiça devia salvar toda casa onde o sangue do cordeiro tivesse sido posto. Deus não teria sido justo se tivesse castigado um lar onde uma vítima tinha sido imolada. Deus não é apenas amor para perdoar, mas Ele é também justo e Aquele que justifica o que tem fé em Jesus (Romanos 3.26).

E Pedro acrescenta: *“Fostes resgatados... pelo precioso sangue, como de cordeiro sem defeito e sem mácula, o sangue de Cristo”* (1 Pedro 1.18-19). Sangue precioso, sim, para nós, mas mais precioso para Deus, o único que pode estimar devidamente o valor de tal sacrifício no qual achou Seu pleno repouso.

O lado do resgatado

Embora seja certo que Deus fez tudo e que deu o Cordeiro para sermos alvos, todo homem deve apropriar-se pessoalmente da Obra de Cristo: *“Cada um tomará para si um cordeiro”*.

Tomar o cordeiro, guardá-lo, imolá-lo, pôr seu sangue no batente da porta da casa, tudo isto era responsabilidade da família.

A **segurança** do primogênito dependia do sangue visto no exterior. Seus sentimentos em nada influíam. A **certeza** de escapar do juízo dependia da fé na palavra do Senhor transmitida por Moisés.

Atualmente, muitas pessoas estão seguras quando aceitam a morte do Senhor Jesus a seu favor, mas continuam temerosas em quanto não depositam toda a sua fé na Palavra de Deus, que declara taxativamente: *“Quem crê no Filho tem a vida eterna”* (João 3.36), *“Quem ouve a Minha palavra e crê naquele que Me enviou tem a vida eterna, não entra em juízo, mas passou da morte para a vida”* (João 5.24).

A segurança da salvação provem da fé na Palavra de Deus. A segurança eterna da nossa alma está baseada na Obra que Cristo realizou na cruz.

“*Consagra-Me todo primogênito... Meu é*”, declara o Senhor (Êxodo 13.2). “*Cristo... morreu por todos, para que os que vivem não vivam mais para si mesmos, mas para Aquele que por eles morreu e ressuscitou*” (2 Coríntios 5.15).

Para o resgatado, uma vida nova começou na cruz. Ele é feliz por ser salvo, lavado, purificado e justificado, mas não deve esquecer que não se pertence mais a si mesmo, mas Àquele que o resgatou com um preço tão elevado.

A Páscoa como alimento

Na família sobre a qual pairava a morte foi introduzido o cordeiro. Tudo mudou e, agora, há segurança e paz. Na noite em que o destruidor passa, a família se alimenta da vítima assada ao fogo, de pães asmos e de ervas amargas.

A instituição da Páscoa em Êxodo 12.1-11 menciona muitas vezes “comer”. Crer no Senhor Jesus não é uma simples adesão intelectual ao que a Palavra nos diz dEle, nem uma fórmula mágica a ser repetida, como alguns dizem. Após declarar “*quem crê em Mim tem a vida eterna*” (João 6.47), o Senhor Jesus acrescenta: “*se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o Seu sangue, não tendes vida em vós mesmos*” (v. 52).

Não se trata de comer e beber fisicamente o Seu corpo e o Seu sangue (e nem se refere ao ritual da Ceia), pois Ele ainda acrescentou: “*As palavras que Eu vos tenho dito são espírito e são vida*” (v. 63).

Para ter vida é necessário que, espiritualmente falando, nos apropriemos em nossa alma e de todo o coração, daquele corpo entregue e daquele sangue derramado pelo Senhor Jesus, os únicos que tiram os pecados. Comer Sua carne e beber Seu sangue não é um ato ritual.

Assim como os alimentos que ingerimos tornam-se parte integrante de nosso corpo e finalmente o constituem, assim nossa alma deve (pela fé, pela inteligência e pelo coração) captar o que significa a Obra da cruz e aceitá-la por completo.

“*Comer*”, em João 6.52, no original grego, está no pretérito e refere-se a um ato cumprido de uma vez para sempre para ter vida. “*Comer*” em João 6.56, no original grego, está no presente e refere-se a uma ação contínua para permanecer nEle.

O cordeiro não devia estar meio cozido ou cozido em água, mas assado ao fogo. Gideão não o tinha compreendido, pois apresentou a carne num cestão e o caldo numa panela. E o que lhe ordenou o Anjo do Senhor? “*Toma a carne e os bolos asmos, põe-nos sobre esta pedra e derrama-lhes por cima o caldo... Estendeu o Anjo do Senhor a ponta do cajado que trazia na mão e tocou a carne e os bolos asmos; então, subiu fogo da penha e consumiu a carne e os bolos*” (Juízes 6.20-21). Cristo devia passar sob o juízo de Deus. Nada Lhe foi evitado. “*Todas as Tuas ondas e vagas passaram sobre Mim*” (Salmo 42.7). A cabeça, as pernas, o interior, isto é, inteligência, atos e sentimentos íntimos, tudo devia passar pelo fogo e Sua perfeição pôde brilhar mais.

Ervas amargas acompanhavam a comida, assim como pães asmos, ou “pão de aflição”, como diz Deuteronômio 16.3. A alegria da salvação é

acompanhada pelo sentimento amargo do que nossos pecados custaram ao Senhor Jesus.

Todos participavam do cordeiro; havia uma porção completa para cada pessoa; ninguém podia dizer que sua parte não tinha sido prevista. No entanto, mais tarde, na parábola do filho pródigo (Lucas 15), o filho mais velho recusará entrar na casa e participar da festa preparada pelo amor do pai.

Qualquer pessoa que naquela noite entrasse na casa de um israelita poderia ver que a família estava pronta para partir. Todos os membros abandonariam o Egito. Seus lombos estavam cingidos, suas sandálias estavam nos pés e o cajado estava na mão. Todo resgatado pelo Senhor Jesus vem a ser, neste mundo, um estrangeiro cuja pátria está no céu.

Em Jesus, na senda do amor,
Um tesouro nossa alma achou,
Bem eterno que, pelo seu valor,
Estrangeiros aqui nos tornou.

Havia muitas famílias e muitas casas, mas todos comiam o cordeiro, “nas casas onde o comerem” (Êxodo 12.7). A unidade do povo de Deus se expressa participando todos de um só Cordeiro, que é o centro de todos os seus afetos e de sua comunhão.

A Páscoa como memorial

A saída do Egito foi de uma vez para sempre. A primeira Páscoa não devia ser repetida e nem o sangue deveria ser aplicado novamente no batente das portas, mas o Senhor tinha declarado: “Este dia vos será por memorial, e o celebrareis como solenidade ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo” (Êxodo 12.14). Assim, todo ano a Páscoa recordaria ao povo que tinha “saído” do Egito, uma expressão repetida diversas vezes em Deuteronômio 16.1-8. Anualmente, o mesmo cordeiro assado ao fogo os congregaria e lhes recordaria o preço pago por sua libertação.

Números 9.1-14 apresenta a Páscoa como memorial celebrado **no deserto**. No primeiro mês do ano, o povo tinha saído do Egito. No primeiro dia do primeiro mês do segundo ano, o Tabernáculo tinha sido levantado, seguido da dedicação do altar durante doze dias (Números 7), as lâmpadas do santuário tinham sido acesas e os levitas tinham sido dedicados. Pela primeira vez, após seu livramento do juízo de Deus que tinha caído sobre o Egito e do poder de Faraó, cujo exército tinha perecido no Mar Vermelho, o povo, agora congregado ao redor do santuário, ia celebrar o memorial da Páscoa.

Alguns homens estavam imundos e, embora conscientes do seu estado, desejavam comer a Páscoa. Seriam excluídos dela? A graça divina lhes faria provisão. Purificados segundo Números 9, poderiam celebrar a festa no segundo mês. Também aquele que estivesse de viagem no primeiro mês (figura de um crente que se afastou do Senhor), poderia voltar sem demora e, no segundo mês, ter a sua parte no cordeiro. Até mesmo o estrangeiro, desejoso de celebrar a Páscoa, poderia fazê-lo, com a

condição de ser circuncidado, símbolo de sua identificação com o povo de Deus.

Pelo contrário, quão solene é o juízo pronunciado contra aquele que, estando limpo e não estando em viagem, se absteresse de celebrar a Páscoa: *“Essa alma será eliminada do seu povo, porquanto não apresentou a oferta do Senhor, a seu tempo; tal homem levará sobre si o seu pecado”* (Números 9.13). Não se tomava a Páscoa para si mesmo, mas para Deus, porque Ele o tinha determinado.

Deuteronômio 16.1-8 dá instruções para celebrar o memorial da Páscoa **na terra**. Esta passagem dá ênfase ao lugar onde o Senhor pusesse o Seu Nome, único lugar aonde se poderia celebrar a festa.

Josué 5.10-12 descreve a celebração da Páscoa em Canaã, depois da travessia do Jordão e da circuncisão. Está acompanhada de alimentos novos: o trigo do país de anos anteriores (Cristo nos conselhos de Deus), pães asmos (perfeição no Seu andar) e cereais tostados (lembrança de Seus sofrimentos). Que bênção ter saído do mundo, ser livre de toda escravidão e ter entrado na realidade das bênçãos divinas!

Através dos séculos, certamente a Páscoa foi celebrada numerosas vezes, embora a Palavra se limite a mencionar apenas sete ocasiões e, entre elas, as que celebraram Ezequias e Josias, quando a energia da fé de um homem provocou um despertar, um anelo de celebrar o memorial (2 Crônicas capítulos 30 e 35).

Mas chegaria o dia em que o sacrifício do qual a Páscoa era figura seria oferecido. Na noite em que o Senhor foi entregue, ouvimos Sua voz falando ao coração de Deus discípulos: *“Tenho desejado ansiosamente comer convosco esta Páscoa, antes do Meu sofrimento”* (Lucas 22.15). e, no final da refeição, o Senhor instituiu outro memorial: *“Tomai, comei; isto é o Meu corpo... Bebei dele todos, porque isto é o Meu sangue”* (Mateus 26.26-29; Marcos 14.22-25; Lucas 22.15-20).

Para o cristão, a Ceia dominical tomou o lugar da Páscoa. Será que ela fala com menos eloquência ao nosso coração? Vamos abster-nos dela, quando a voz do Senhor repete: *“Fazei isto em memória de Mim”*? (Lucas 22.19). Digamos como disse o profeta: *“No Teu Nome e na Tua memória está o desejo da nossa alma”* (Isaías 26.8).

Jovens pais de família que participais do memorial da morte do Senhor, um dia ouvireis uma voz infantil que perguntará: *“Que rito é este?”* (Êxodo 12.26). Então, com emoção e com afeto, tereis a maravilhosa oportunidade de fazer vibrar o coraçãozinho de vosso filho, falando-lhe da-quele que nos amou até a morte.

A FESTA DOS PÃES ASMOS

Levítico 23.6-8; Números 28.17-25;

Deuteronômio 16.3-4, 8

Nas Escrituras, a festa dos Pães Asmos está intimamente ligada à da Páscoa. Não se pode crer no Senhor Jesus e continuar vivendo como

antes. *“Cristo, nosso Cordeiro pascal foi imolado. Por isso, celebremos a festa não com o velho fermento... e sim com os asmos da sinceridade e da verdade”* (1 Coríntios 5.7-8).

O crente é exortado a manifestar, mediante uma vida de separação do mal, que pertence a Cristo. Não somente a Páscoa deveria ser comida com pães asmos, mas durante toda a semana seguinte (figura da vida inteira do resgatado) o fermento devia ser eliminado do “território” de Israel: vida individual, familiar e coletiva.

Finalmente, embora a Páscoa deve-se ser celebrada *“no lugar que o Senhor, teu Deus, escolher para fazer habitar o Seu Nome”* (Deuteronômio 16.6), a festa dos Pães Asmos devia ser observada nas casas. Podemos considerar esta festa sob um duplo aspecto:

- Só Cristo sem pecado
- O andar de separação do resgatado.

Só Cristo sem pecado

Realmente, é dEle, de Sua humanidade e de Sua vida perfeita que nos falam os pães asmos. O apóstolo Paulo diz: *“Aquele que não conheceu pecado, Ele O fez pecado por nós; para que, nEle, fôssemos feitos justiça de Deus”* (2 Coríntios 5.21). O apóstolo Pedro afirma: *“O qual não cometeu pecado, nem dolo algum se achou em Sua boca”* (2 Pedro 2.22). E o apóstolo João enfatiza: *“Nele não existe pecado”* (1 João 3.5).

Nele tudo foi perfeito, não houve nenhuma aparência que não fosse realidade e nada que não fosse a vontade de Deus. Como é necessário nos nutrirmos de tal Cristo. Em Êxodo 12.15-20, sete vezes a instituição da Páscoa ordena “comer”.

Mas esta vida perfeita não podia estar dissociada de Sua morte e de Sua completa consagração a Deus. É o que nos ensina Números 28.17-25, onde se ordena que em cada da festa dos Pães Asmos se oferecesse um holocausto com sua oferta de farinha acompanhada com um sacrifício pelo pecado.

O andar de separação do resgatado

Em Cristo, o crente está sem fermento (1 Coríntios 5.7). Trata-se, pois, de demonstrar isto praticamente, seja pelo andar individual, seja pelo andar coletivo. O fermento, em todas as suas formas, deve ser excluído. *“O fermento velho”* é o que ensoberbece, é o orgulho que eleva o homem, é o que permanece da nossa maneira de ser anterior à conversão.

A velha natureza continuará sempre aqui conosco: *“Se dissermos que não temos pecado nenhum, a nós mesmos nos enganamos, e a verdade não está em nós”* (1 João 1.8), mas temos que cuidar para que, pelo poder do Espírito Santo, os frutos desta velha natureza não se manifestem.

“O fermento da malícia” é, principalmente, o mal que podemos dizer dos outros, influência desastrosa numa igreja, pois se expande com rapidez, contamina toda a massa e causa um mal incalculável. *“O fermento da malícia”* é o mal ou a injustiça que fazemos a outros.

Nos evangelhos, o Senhor Jesus fala do “*fermento dos fariseus*” (Mateus 16.6, que é o orgulho religioso, individual ou coletivo, como: “*Ó Deus, graças Te dou porque não sou como os demais homens, roubadores, injustos e adúlteros, nem ainda como este publicano*” (Lucas 118.11) e também a hipocrisia.

“*O fermento dos saduceus*” é a incredulidade, a dúvida na Palavra de Deus, o racionalismo, pois os saduceus não criam nem na ressurreição, nem nos anjos, nem nos espíritos (Atos 23.8).

“*O fermento de Herodes*” (Marcos 8.15) consiste em querer agradar ao mundo para prosperar e conseguir o favor dos eminentes.

Com **um pouco** de fermento destes tipos rapidamente **toda** a massa leveda e mais rápido do que se imagina!

Por isso a Palavra nos exorta repetidas vezes a purificar-nos de toda imundícia da carne e do espírito, a mortificar nossos membros que estão sobre a terra, a renunciar a todas estas coisas: ira, dissensões, malícia, maledicência, palavras torpes, etc.

Quando repararmos que a carne produziu estes frutos, devemos, sem demora, julgar-nos a nós mesmos, olhando para Deus, confessar-Lhe nossas faltas e, de acordo com Ele e contra nós mesmos, readquirir a alegria da comunhão com Deus.

No entanto, não devemos estar sempre ocupados com o mal, nem sequer para julgá-lo, porque o remédio eficaz é ocupar-nos com o que é bom, buscar as coisas que são de cima e depositar nelas os nossos afetos.

A ociosidade é perigosa para o cristão; se dispomos de tempo livre, procuremos evitar que o inimigo o aproveite para corromper nossos pensamentos; busquemos a presença do Senhor; estudemos Sua Palavra; realizemos o serviço que Ele os indique.

A festa dos Pães Asmos, aplicada à nossa vida cristã é, de certo modo, seu lado negativo, pois, contentar-nos com este lado negativo nos leva ao legalismo: não pegue, não coma, não toque, não vá,... É precisamente o que faremos na festa das Primícias.

A FESTA DAS PRIMÍCIAS

Levítico 23.9-14; 1 Coríntios 15.20

A Páscoa e a festa dos Pães Asmos podiam ser celebradas no deserto, mas, para trazer ao Senhor o molho das primícias, era necessário já terem entrado na terra que Ele lhes dava.

A Páscoa era sacrificada à tarde, ao pôr-do-sol, e comida à noite. Na manhã seguinte, tudo estava terminado (Deuteronômio 16.6-7). O molho das primícias devia ser apresentado ao Senhor no dia seguinte, no sábado, no começo de uma nova semana.

O evangelho de Marcos, depois de repetir sete vezes que a noite se aproximava (a qual foi dar (?) no túmulo), anuncia um novo dia, o primeiro da semana, quando, bem de manhã cedo, mal saído o sol, os que buscavam a Jesus morto souberam que tinha ressuscitado.

Cristo ressurreto

Este molho, o primeiro fruto da sega, é figura de Cristo ressurreto, primícias dos que dormem (1 Coríntios 15.20). O molho era agitado perante o Senhor para apresentar todos os aspectos da ressurreição.

Realmente, que momento glorioso quando Cristo ressuscitado, elevado ao céu, entrou na presença de Deus, tendo obtido uma eterna redenção. Ofereciam o molho para serem aceitos pelo Senhor. Cristo ressuscitou para nossa justificação.

Segundo o mundo, o Nazareno era apenas um “*certo morto, chamado Jesus*” (Atos 25.19), mas, a ressurreição de Cristo é uma verdade fundamental do Evangelho, é a consagração da derrota do inimigo, a demonstração pública da vitória obtida na cruz (Colossenses 2.15).

A oferta do molho era acompanhada por um holocausto com sua oferta de flor de farinha e, pela primeira vez em Levítico, com uma libação de vinho, símbolo da legria que acompanha a ressurreição.

A vida ressurreta do crente

Após a apresentação do molho, duas coisas eram possíveis: um alimento novo (Levítico 13.14) e a colheita (Deuteronômio 16.9).

Antes de oferecer o molho não se permitia comer pão de trigo novo, nem cereal tostado, nem em espiga.

No mesmo dia da Sua ressurreição, Jesus se chega aos dois discípulos que iam para Emaús e lhes explica as coisas da Escritura que Lhe diziam respeito. Quantas maravilhas fizeram arder o coração de Cleofas e de seu companheiro naquele dia! Eram as primeiras espigas da colheita: seus olhos foram abertos e reconheceram um Cristo que tinha sofrido e que O contemplariam subindo em glória.

O trigo velho da terra (Josué 5.11) nos fala de Cristo nos conselhos eternos de Deus. O pão nos fala de Sua humanidade perfeita, alimento para nossas almas (João 6). O grão tostado fala de Seus sofrimentos (Levítico 2.14). O grão novo em espigas fala da Sua ressurreição.

A partir da oferta do molho, a sega prossegue durante sete semanas (Deuteronômio 16.9). No entanto, quatro meses antes da sega, o Senhor chama Seus discípulos para que considerem os campos já brancos para a sega (João 4.35), mas era necessária Sua ressurreição para que, ao longo dos séculos, fossem ajuntados no celeiro celestial os molhos pelos quais Ele ia dar a Sua vida.

Que falta hoje para a sega senão o mesmo que faltava nos dias do Senhor? Obreiros! Qual é a nossa parte nela? Sabemos discernir a que região do campo o Senhor deseja nos enviar? Por que determinado irmão que trabalha em lugares de difícil acesso não acha um irmão mais jovem que possa levá-lo em seu carro? Por que faltam jovens irmãos e irmãs nas Escolas Dominicais? Quantos enfermos gostariam de receber um resumo escrito ou uma gravação do que é ministrado nas reuniões!

Em quantas reuniões seria apreciado um alimento simples proveniente do coração e que dirigisse as almas para o Senhor! Deus permita que os jovens irmãos a quem o Senhor concede estes privilégios possam sentir a necessidade de apresentar verdadeiramente a Jesus. O profeta Isaias viu a Sua glória (ele devia ter uns 20 anos) e falou dEle.

Em Romanos 6.4-11 nos é mostrado que, sendo identificados com Cristo em Sua morte, o seremos também em Sua ressurreição. De maneira que podemos considerar-nos mortos ao pecado (lado negativo), mas vivos para Deus em Cristo Jesus, a fim de andarmos em novidade de vida (lado positivo). E como o conseguiremos? Não só sabendo-o (o que é fundamental), mas entregando-nos a nós mesmos a Deus como vivos de entre os mortos. *“Se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus. Pensai nas coisas lá do alto, não nas que são aqui da terra”* (Colossenses 3.1-2).

Este primeiro molho, tirado previamente dos campos de Israel para ser oferecido a Deus, nos lembra também um princípio prático e fundamental da Palavra: as primícias são para Deus.

Há três maneiras de dar: se pode dar tudo (e crentes fieis têm respondido a este chamado, dando a Deus seu tempo e seus bens materiais); se pode dar o que sobra (e lamentavelmente é o que muitos fazem, como aquele que queria primeiro sepultar o seu pai ou como aquele que desejava antes despedir-se dos de sua casa); mas se pode dar a Deus as primícias, isto é, fazermos para Ele primeiro. A esta atitude vinculam-se muitas promessas: *“Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda”* (Provérbios 3.9); *“buscai, pois, em primeiro lugar, o Seu reino e a Sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas”* (Mateus 6.33); *“primeiro faze dele para mim um bolo pequeno e traze-mo aqui fora; depois, farás para ti mesma e para teu filho. Porque assim diz o Senhor: A farinha da tua panela não se acabará, e o azeite da tua botija não faltará”* (1 Reis 17.13-14).

Daremos ao Senhor as sobras de nosso tempo? Dar-Lhe-emos a melhor parte do dia (a hora matutina) para oração e a leitura da Palavra? Se dispomos de pouco tempo, oraremos primeiro ou somente se as atividades do dia nos deixam algum tempo livre? E no dia do Senhor pensaremos principalmente em atividades seculares ou nas primícias que Ele pede? Vamos dar-Lhe o ocaso de nossa vida, o que o mundo não quer mais, ou nos empenharemos em servi-LO desde a nossa juventude?

“Para em todas as coisas ter a primazia” (Colossenses 1.18).

PENTECOSTES

Levítico 23.15-22; Números 28.26-31; Deuteronômio 16.9-12

No grupo das sete festas, Pentecostes ocupa o centro, o desfecho das três primeiras. Num certo sentido, se o Espírito de Deus não considerasse a restauração futura de Israel, tipificada pelas três últimas, as festas teriam podido terminar por aqui.

Também na vida do crente, a restauração é muitas vezes necessária.

Pentecostes ou a festa das Semanas era celebrada 50 dias após a festa das Primícias. Pode-se pensar que o molho das primícias era

apresentado no dia seguinte do sábado posterior à Páscoa. Assim, o Pentecostes acontecia na primeira metade do terceiro mês lunar.

Este intervalo de 50 dias está repleto de ensinamentos para nós. Entre a Sua ressurreição, ascensão e a descida do Espírito Santo, o Senhor preparou Seus discípulos para este grande acontecimento. Isto não quer dizer que, para o crente que recebeu plenamente o Evangelho, transcorra algum tempo entre o momento em que crê no Senhor Jesus e aquele em que recebe o Espírito Santo (Efésios 1.13), mas, na experiência espiritual, o ensino do Senhor aos discípulos conserva também todo o seu valor para nós.

Eles tinham que conhecer a um Cristo ressuscitado, o que lhes trouxe alguma dificuldade. Ele os alimentou em Emaús e à beira do Mar da Galileia. Duas vezes, no primeiro dia da semana, apresentou-Se-lhes como o centro de sua reunião. Ele os constituiu testemunhas Suas – o epílogo de cada evangelho e o princípio do livro de Atos (sob formas diferentes) repetem a mesma designação.

Finalmente, foi elevado à glória, os pensamentos dos discípulos O buscam no alto, seus afetos já não se orientam mais para a terra, mas para onde Cristo está assentado à destra de Deus. No cenáculo perseverarão na oração em comum acordo.

Tal é a posição cristã que se relaciona não com um Cristo morto, e nem sequer com um Cristo ressuscitado, mas com um Cristo glorificado e que vai voltar.

No dia de Pentecostes, devia ser apresentada ao Senhor uma oferta vegetal nova; não uma oferta que representasse a Cristo, mas dois pães cozidos com fermento, figura da Igreja aqui na terra, formada de judeus e de gentios. O fermento, embora sem princípio ativo, subsiste nos pães.

Em compensação, era oferecido um sacrifício pelo pecado, sacrifício que não acompanhava, e com toda a razão, o molho das primícias movido perante o Senhor. O Espírito Santo não tira o nosso pecado, mas Ele é o poder que nos liberta da lei do pecado: *“Andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne”*. A carne produz suas obras (Gálatas 5.1, 19), mas o Espírito produz o fruto.

Em Deuteronômio 16.9-12 nos são apresentados, em figura, os efeitos da presença do Espírito Santo. O primeiro deles é trazer ao Senhor uma oferta voluntária dada conforme a bênção recebida. Quão longe estamos da lei!

Deus não é um déspota que obriga Seus súditos a prostrar-se perante Ele. Deus é um Pai que busca adoradores que Lhe tragam, por intermédio de Jesus, de coração, voluntariamente, e por todas as bênçãos recebidas (e não para consegui-las), o fruto dos lábios que confessam o Seu Nome.

A seguir, vem o gozo: *“Alegrar-te-ás perante o Senhor, teu Deus”*, gozo compartilhado por toda a família, pelos servos, pelo levita, pelo estrangeiro, pelo órfão e pela viúva, em sua aflição. E como frisa o Espírito Santo esta comunhão dos santos em Atos dos Apóstolos e como frequentemente menciona o gozo do crente!

Finalmente, vem a lembrança: *“Lembrar-te-ás que fostes servo no Egito”* (Deuteronômio 16.12). Não nos devemos esquecer de onde fomos

tirados (Efésios 2.11) e também devemos estar conscientes de que já não somos mais escravos, mas filhos (Gálatas 4.7). O Espírito Santo produzirá a obediência mediante a submissão à Palavra: “*Guardarás estes estatutos e os cumprirás*”.

O que mais chama a atenção em Levítico 23 são os detalhes relacionados com os sacrifícios oferecidos com relação à oferta nova dos dois pães. Nenhuma festa deste capítulo apresenta um sacrifício com tantos detalhes. Aqui encontramos novamente o holocausto, a oferta de flor de farinha e o sacrifício pelo pecado, isto é, todos os diferentes aspectos da Obra de Cristo desenvolvidos nos primeiros capítulos de Levítico.

Em nenhuma dispensação houve e nem haverá a possibilidade de apreciar a Obra de Cristo a favor dos resgatados como a que é dada agora à Igreja sob a ação do Espírito Santo (João 4.23).

O culto cristão é o mais elevado que os homens possam render a Deus na terra. E como é conveniente que este culto Lhe seja dado realmente sob a influência do Espírito e não segundo nossos próprios pensamentos ou sob o impulso de sentimentos humanos ou simplesmente segundo a tradição! Para que o Espírito Santo seja realmente a boca da congregação no culto, Ele não deve ser impedido e nem devem existir impedimentos em nossa consciência. Uma ampla e ativa participação dos que vierem trazer suas cestas no santuário (Deuteronômio 26.1-11) dependerá da liberdade do Espírito, mas também sob a Sua contínua dependência.

Pentecostes está vinculada com a sega, a tal ponto que em Êxodo 23.16 é chamada a “*Festa da Segra*” dos primeiros frutos. E que começo magnífico teve a sega para o Senhor no dia em que veio o Espírito Santo, quando três mil almas foram convertidas! E esta colheita não terminará com o Arrebatamento da Igreja: “*Quando segardes a messe da vossa terra, não rebuscareis os cantos do vosso campo, nem colhereis as espigas caídas da vossa sega; para o pobre e para o estrangeiro as deixareis*” (Levítico 23.22). Outros ainda serão salvos; o restante de Israel e a multidão inumerável da Grande Tribulação, enfim, todos aqueles que de coração reconhecerão ao Rei e participarão da bênção milenar.

Consideremos algumas das operações do Espírito Santo na dispensação atual. Ele fará lembrar de todas as coisas que o Senhor Jesus disse aos Seus discípulos e que são os evangelhos (João 14.26). Dará testemunho do Senhor Jesus, testemunho que, por sua vez, os discípulos darão e que são os Atos dos Apóstolos (João 15.27). Durante Sua vida na terra, o Senhor Jesus não pôde revelar tudo aos Seus, pois não o poderiam suportar (João 16.12), mas, quando o Espírito viesse, Ele os conduziria a toda a verdade e que são as epístolas, as quais, em vez de apresentar contradições com os evangelhos (apesar de alguns isto afirmarem), os completam. Ainda anunciará as coisas que hão de vir, isto é, o Apocalipse e as partes proféticas das epístolas.

E, acima de tudo, “*Ele Me glorificará, porque há de receber do que é Meu e vo-lo há de anunciar*” (João 16.14), disse o Senhor. Assim, pois, o Evangelho nos revela a Cristo em todas as Escrituras e faz com que Ele seja cada vez mais precioso ao nosso coração.

A ação do Espírito tira o temor, dá liberdade perante Deus. Sua vontade é vida e paz (Romanos 8.6-15). É Espírito de adoção, graças a Quem gozamos de nossa posição de filhos de Deus. E intercede por nós. Ele habita no crente, cujo corpo é templo do Espírito Santo. Ele habita na Igreja e, por Ele, ela é constituída Corpo de Cristo (1 Coríntios 12.13). “O Espírito e a noiva dizem: Vem!” (Apocalipse 22.17). Ele estará conosco eternamente, disse o Senhor em João 14.16. Até mesmo no céu, o Espírito ainda glorificará Àquele que será o Centro de todos os corações.

Enquanto esperamos este dia glorioso, somos exortados a andar no Espírito (Gálatas 5.16, 25), a ser guiados pelo Espírito (Romanos 8.14), a viver no Espírito (Gálatas 5.25), a orar no Espírito (Judas 20), a adorar no Espírito (Filipenses 3.3; João 4.24).

Precisamos estar atentos para não entristecermos este Hóspede divino (Efésios 4.30) e para não O apagarmos (1 Tessalonicenses 5.19). Como Ele é unção derramada sobre o mais jovem crente, ensina-lhe (1 João 2.27). Como garantia de nossa herança celestial, no-la assegura e antecipa (Efésios 1.14). Como selo, imprime no resgatado as marcas de seu Amo (Efésios 1.13).

Recebemo-LO pela fé (Gálatas 3.2) e não como resultado de nosso andar. Por outro lado, somos exortados a sermos cheios do Espírito (Efésios 5.18) e, para isto, é necessário que nosso interior seja esvaziado de tudo o que atrapalha e que, conscientes do amor de Deus, Lhe apresentem os nossos corpos em sacrifício vivo e agradável (Romanos 12.1; 6.13), permitindo assim que o Senhor tome posseção, pelo Seu Espírito, do que Lhe pertence por o ter adquirido por um tão elevado preço.

A FESTA DAS TROMBETAS

Levítico 23.23-25

A Páscoa era celebrada no décimo quarto dia do primeiro mês. O molho das primícias provavelmente era oferecido no dia seguinte ao primeiro sábado depois da Páscoa. O Pentecostes realizava-se 50 dias mais tarde, e ocorria na primeira metade do terceiro mês.

A seguir, havia uma longa interrupção até que, no sétimo mês, três festas sucediam-se rapidamente.

Profeticamente, temos visto a Igreja nos dois pães do Pentecostes, mas em Levítico 23.22 a sega ainda não está terminada. Simbolicamente, a Igreja tem sido arrebatada, mas ficou uma bênção para o pobre (isto é, o remanescente de Israel) e para o estrangeiro (isto é, as nações que passarão pela Grande Tribulação).

No sétimo mês, Deus restaura (figuradamente) Suas relações com Israel, suscitando um despertar já anunciado em Isaías 18 e que deve levá-lo à humilhação descrita em Zacarias 12, para poder introduzir o povo às bênçãos milenares, simbolizadas pelos sete dias da festa dos Tabernáculos. Assim que, profeticamente, o sétimo mês é o fim do ano de Deus, a culminação de Seu plano.

Esta festa também tem uma aplicação para nós. O crente, após ter sido levado ao Senhor Jesus e ter posto sua confiança no sangue que purifica de todo o pecado, aprendeu a caminhar separado do mal, em novidade de vida, e goza, pela fé, das bênçãos dadas pelo Espírito. O tempo passou, os anos transcorreram, os espinhos da parábola talvez estejam crescendo e impedindo que o bom grão se desenvolva como deveria. Apodera-se do crente um certo cansaço espiritual, adotam-se hábitos inconvenientes e, após a preguiça, vem o sono. É preciso que Deus o desperte. Pode ser que não tenha havido decadência espiritual, mas Deus quer suscitar progressos espirituais na vida do cristão.

Seja o que for, por meios que Deus conhece, Ele nos desperta através de um toque de trombeta de Sua Palavra para colocar-nos bem na luz. A comemoração das Trombetas é a única festa que acontece no primeiro dia da lua nova (Salmo 81.3). Então inicia-se um novo ciclo, um novo enfoque da luz de Cristo: *“Desperta, ó tu que dormes, levanta-te de entre os mortos, e Cristo te iluminará”* (Efésios 5.14); *“digo isto a vós outros que conheceis o tempo: já é hora de vos despertardes do sono... Vai alta a noite, e vem chegando o dia”* (Romanos 13.11-12).

O homem que dorme está em perigo de ser confundido com os mortos, mas nem por estar dormindo tem menos vida e só precisa ser despertado. Qual será então a atitude divina? Nada de reprovações (ainda que seriam perfeitamente justificadas), mas *“Cristo te iluminará”*.

O despertar pode ser individual ou coletivo, quando no caso da Igreja em que o clamor à meia-noite despertou as dez virgens ou, mais tarde, quando Israel se preparará para receber o Messias.

Geralmente, como se vê nos reinados de Ezequias e de Josias, ou nos tempos de Zorobabel, de Esdras e de Neemias, o despertar começa individualmente.

Não se trata de criticar os outros ou o testemunho da congregação, mas de arrependimento pessoal e de tomar sobre si a humilhação que requer a situação em que se vive (Neemias 1.7; Daniel 9.15). E Joel ainda acrescenta: *“Agora mesmo, diz o Senhor: Converti-vos a Mim de todo o vosso coração, e isto com jejuns, com choro e com pranto”* (Joel 2.12).

Se observáramos uma queda espiritual em nossas reuniões, um retrocesso na piedade, consideremos primeiro nossas próprias faltas e o estado de nossa própria casa. O que está acontecendo com a leitura da Palavra na família e com a leitura matutina individual? Enquanto, ao nosso redor, Deus trabalha manifestamente despertando almas, permanecemos nós sonolentos?

Graças a Deus, existem felizes exceções, pessoas e reuniões às quais o Senhor outorga a graça de manifestar o fruto da vida divina de uma maneira toda particular. No entanto, não é menos verdade que, sem um espírito de humildade, não haverá nenhum despertar real em nós, nem em nossa família e nem em nosso testemunho coletivo.

Um verdadeiro despertar nos leva inicialmente à aflição, assim como a comemoração ao som das trombetas era seguida pelo Dia da Expição.

O DIA DA EXPIAÇÃO

Levítico 23.26-32; 16.1-34

Considerar muito mais profundamente quanto custou a Cristo tirar nosso pecado de diante de Deus é o prelúdio de toda restauração. Reconhecer a ruína (Levítico 16.1) individual ou coletiva conduz a uma apreciação muito maior da Obra de Cristo e da sua eficácia perante Deus.

Sem examinarmos todos os detalhes do capítulo 16 de Levítico, o coração do Pentateuco, consideraremos três pontos:

- O pecado
- Os sofrimentos de Cristo
- O propiciatório.

O pecado

As ervas amargas da Páscoa simbolizam a contrição da alma que sente a amargura de ter causado, com seus pecados, o sofrimento de Cristo. Em relação com a Ceia do Senhor, somos exortados a julgar-nos a nós mesmos. Mas o Dia da Expição trata de um exercício espiritual ainda mais profundo.

Para Israel, este exercício está profetizado e detalhado em Zacarias 12.10-14 e em Isaías 53.

Para o cristão, é a contemplação dos sofrimentos de Cristo, com a certeza de que tudo está cumprido, o que o leva a uma apreciação mais profunda da seriedade do pecado. Ao contemplarmos a cruz, percebemos a gravidade que o mal teve perante os olhos de Deus, o que faz com que nos coloquemos nas Suas mãos, por ter aceito a oferta.

Repetidas vezes em Levítico capítulos 16 e 23, o Senhor ordena: “*Afligireis a vossa alma*”. O Salmo 51 mostra o que esta aflição foi para Davi. Não ocorrem em nossa vida ocasiões em que, pela ação poderosa da Palavra aplicada pelo Espírito à consciência, experimentamos o horror que é o pecado, de uma maneira muito mais profunda do que até aquele momento?

Se foi necessário que o próprio Filho de Deus, Aquele que não conheceu pecado, fosse feito pecado por nós para que fôssemos feitos justiça de Deus nEle, quão grave era este nosso pecado e quão incompatível com a natureza divina!

Os sofrimentos de Cristo

Levítico capítulo 16 nos apresenta dois tipos de sacrifícios: os que Aarão oferecia por si mesmo e pelos seus, isto é, um novilho pelo pecado e um carneiro como holocausto, e os que oferecia pelo povo, isto é, dois bodes pelo pecado e um novilho como holocausto. Podemos ver, pela oferta de Aarão e pela sua casa, a Obra de Cristo a favor da Sua Igreja, enquanto que o sacrifício oferecido pelo povo sugere a Obra da cruz a favor de Israel. Seja como for, não pretendemos distinguir estes diversos aspectos, mas queremos considerar o que este capítulo nos apresenta acerca dos sofrimentos de Cristo.

Dos dois bodes oferecidos pelo povo, o bode emissário (em hebraico, Azazel) era apresentado vivo ao Senhor e o outro era imolado. Sobre a cabeça do primeiro, o sacerdote devia confessar todas as iniquidades dos

filhos de Israel, todas as suas rebeliões, todos os seus pecados. A seguir, era enviado ao deserto, carregando os pecados para esta terra inabitada, onde morreria sob a condenação.

O bode vivo é uma figura extraordinária de Cristo, quando carregou sobre Si nossos pecados sob o juízo de Deus, sendo Ele castigado em lugar dos culpados: *“Todos nós andávamos desgarrados como ovelhas, cada um se desviava pelo caminho, mas o Senhor fez cair sobre Ele a iniquidade de nós todos”* (Isaías 53.6); *“carregando Ele mesmo em Seu corpo, sobre o madeiro, os nossos pecados”* (1 Pedro 2.24).

Para que esta Obra se torne uma realidade para cada um de nós, é preciso a confissão de nossos pecados e a aceitação de Cristo ter morrido por eles.

O segundo bode, oferta pelo pecado, devia ser imolado e seu sangue levado para trás do véu. Este ato devia ser realizado estando o sacerdote sozinho (v. 17), pois ninguém podia compartilhar com Cristo a Obra propiciatória da cruz. Ele não teve consoladores e, quando clamou ao céu, não teve resposta.

O incenso (figura das perfeições de Cristo) devia ser posto no incensário sobre o fogo do altar; a nuvem de incenso enchia o santuário. O fogo do juízo, isto é, todos os sofrimentos da cruz naquele momento de angústia inefável só manifestou mais intensamente Suas perfeições. Tudo o que emanava do Seu coração quando esteve sob o juízo de Deus (afetos, sentimentos, submissão, confiança, tal como vemos nos salmos em particular) elevava-se ao céu qual perfume de cheiro agradável. (Vejam-se os Salmos 22, 40, 69,...).

O sangue e o incenso só podiam ser oferecidos no santuário, mas o corpo da vítima era queimado fora do acampamento. O juízo de Deus caiu completamente sobre Cristo quando Ele sofreu fora da porta, abandonado por Deus, privado de todo relacionamento com Seu povo. Israel não tinha direito de comer de tal sacrifício, mas nós o podemos fazer (Hebreus 13.10-11), pois que não temos mais consciência de pecado. Temos é comunhão com tal Obra.

O propiciatório

Na Páscoa, o sangue que estava nas portas era o fundamento da salvação. Deus via o sangue e podia salvar o povo. No Dia da Expição, o sangue levado ao santuário permitia ao Senhor manter o relacionamento com Seu povo. Mas o sangue de animais jamais podia tirar os pecados (Hebreus 10.1-4).

Na realidade, a palavra expiação no Antigo Testamento tem o sentido de cobrir os pecados e não de tirá-los: *“Por ter Deus, na Sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos”* (Romanos 3.25). Mas, vindo Cristo, com Seu próprio sangue entrou uma vez para sempre nos lugares santos da presença de Deus, tendo obtido uma eterna redenção.

Da tampa de ouro da arca (o propiciatório) elevavam-se os querubins, executores do juízo de Deus. Seus rostos estavam voltados para o propiciatório. O que viam ali? O sangue derramado da vítima. O propiciatório, em vez do trono do juízo de Deus, se convertia no lugar de Seu

encontro com o crente (Êxodo 25.22). Cristo é a propiciação pelos nossos pecados (1 João 2.2) e, ao mesmo tempo, é o propiciatório (Romanos 3.25).

A propiciação pelo pecado já foi realizada; Deus é glorificado e é justo ao justificar àquele que tem fé em Cristo. Deus queria salvar (Ele não é um Deus vingador apaziguado pelo sangue), mas não podia salvar justamente sem que o castigo tivesse sido sofrido por uma vítima.

Os capítulos 9 e 10 de Hebreus enfatizam o valor do sangue de Cristo: não é o sangue de bodes, mas é Seu próprio sangue; não são holocaustos e sacrifícios pelo pecado, mas a oferta do corpo de Cristo; não são os mesmos sacrifícios constantemente repetidos, os quais nunca podem tirar o pecado, mas uma Vítima perfeita que Se ofereceu a Si mesma: *“Jesus, porém, tendo oferecido, para sempre, um único sacrifício pelos pecados, assentou-se à destra de Deus”* (Hebreus 10.12).

E quais são os resultados? *“Com uma única oferta aperfeiçoou para sempre quantos estão sendo santificados”* (v. 14). Deus não Se lembrará mais de suas iniquidades e pecados; eles têm agora plena liberdade para entrar nos lugares celestiais em paz, purificados de uma consciência má e com o corpo lavado com água pura. Eles aproximam-se de Deus não por obrigação, mas porque desejam encontrar-se no santuário com Aquele a quem amam, seu Sumo Sacerdote, ali onde Ele está.

O Dia da Expição não concluía com o sacrifício pelo pecado, mas seguia-lhe um holocausto (Levítico 16.24). Embora Cristo tenha feito tudo por nós, para apagar nossas faltas e levar-nos a Deus, Seu motivo supremo foi a glória de Deus e o cumprimento de Sua vontade.

Como o pecado tem sido tirado, as culpas confessadas, o perdão obtido e o holocausto oferecido, o caminho está aberto para o gozo da festa dos Tabernáculos.

A FESTA DOS TABERNÁCULOS

**Levítico 23.33-43; Números 29;
Deuteronômio 16.13-15; 1 Reis 8.2;
Neemias 8.13-18; João 7.2, 10, 37-39**

Da mesma maneira que a festa dos Pães Asmos, também a dos Tabernáculos durava sete dias. É figura do Milênio e das bênçãos terrenas de Israel, mas a aplicaremos à vida do cristão, cujo andar com o Senhor está marcado pela separação do mal – da qual nos fala a festa dos Pães Asmos – e pelo gozo da comunhão com Ele, simbolizado pela festa dos Tabernáculos.

Esta sétima e última festa começava no décimo quinto dia do sétimo mês, pouco depois da comemoração da festa das Trombetas e do grande Dia da Expição.

Os trabalhos da colheita e da vindima tinham sido concluídos, e tinha chegado o tempo de repouso. O repouso final, representado especialmente pelo oitavo dia e a reunião solene, esperamos nós na casa do Pai.

Enquanto isto, pelo Espírito Santo, Hóspede do crente e garantia de sua herança, temos um gozo antecipado daquele maravilhoso momento.

Assentados em Cristo nos lugares celestiais (Efésios 2.6), antecipamos o arrebatamento da Igreja e a glória.

Qual era a ordenança da festa para os israelitas?

No primeiro dia, eles deviam ajuntar galhos de formosas árvores, de palmas e de árvores frondosas e construir cabanas nas quais viveriam durante sete dias desfrutando o descanso e o gozo, mas também recordando a travessia do deserto, quando, durante quarenta anos, os pais tinham erguido suas tendas sob o ardor do sol.

Nesta festa, o israelita piedoso juntava a lembrança do povo peregrino com aquela de um Deus fiel que o tinha acompanhado em graça com sua própria tenda, o verdadeiro tabernáculo, até a chegada ao país da promessa.

Na Páscoa misturava-se sempre o gozo da libertação com a lembrança da escravidão no Egito. Uma vez celebrada a festa, os israelitas voltavam às suas tendas como se não tivessem comunhão entre si para comerem ali pães asmos durante uma semana.

No Pentecostes, o nome do Senhor era o centro do gozo de Seu povo que O rodeava, era o gozo da comunhão, experimentado por nós mediante a presença do Espírito Santo. Mas, nesta festa dos Tabernáculos, durante o ciclo completo dos sete dias, o gozo era puro, a felicidade era sem mistura; mais, ainda, o gozo era um mandamento: *“Alegrar-te-ás na tua festa... de todo te alegrarás”* (Deuteronômio 16.14-15).

Nesta festa de gozo, cada um tinha a sua parte: *“Alegrar-te-ás, na tua festa, tu, e o teu filho, e a tua filha, e o teu servo, e a tua serva, e o levita, e o estrangeiro, e o órfão, e a viúva que estão dentro das tuas cidades”* (Deuteronômio 16.14). Ninguém é esquecido; as diversas circunstâncias da vida cotidiana são deixadas para trás; não é mais a hora de serviço, nem de solidão, nem de lágrimas. Em cada um, tudo deve expressar o gozo e só Ele deve reinar na festa.

Os Tabernáculos, festa da lembrança e da alegria, era também festa de descanso no cumprimento das promessas: *“O Senhor, teu Deus, há de abençoar-te em toda a tua colheita e em toda obra das tuas mãos, pelo que de todo te alegrarás”* (Deuteronômio 16.15). Por isso esta solenidade só podia ser realizada depois de terem chegado a Canaã.

Os trabalhos do ano tinham terminado: *“Quando houveres recolhido da tua eira e do teu lagar”* (Deuteronômio 16.13). e não somente do teu campo e da tua vinha; tinha terminado a debulha e do lagar tinha sido recolhido o vinho. Podia-se então gozar plenamente os frutos de um trabalho terminado. Mas como manter este gozo durante sete dias? Deviam apresentar cada dia um sacrifício: novilhos, carneiros, cordeiros e um bode pelo pecado (Números 29).

Embora, em figura, a perfeição tivesse sido quase atingida (treze e não catorze novilhos oferecidos com gozo e voluntariamente ao Senhor), havia também uma diminuição diária desta oferta voluntária durante os sete dias: treze, depois doze, depois onze, ...

Os dois carneiros – testemunho da consagração a Deus – se repetiam invariavelmente na oferta de cada dia da festa, o mesmo que os catorze cordeiros de um ano, sem defeito, o que era uma expressão da perfeição invariável da Obra redentora. Mas cada dia se oferecia igualmente o sacrifício pelo pecado, pois ainda não temos chegado à perfeição do Estado Eterno.

O oitavo dia, o grande dia da festa

Uma vez completados os sete dias, parecia que a festa tinha terminado e que devia iniciar-se a vida rotineira. Mas eis que no dia depois do sábado do sétimo dia devia ser convocada uma assembléia solene e deviam ser oferecidos novos sacrifícios: era o dia da grande festa.

O povo não podia compreender o profundo significado deste dia, o primeiro de uma nova semana, mas que privilégio é para nós podermos discernir o seu sentido: é o dia da ressurreição, novo dia de uma semana que jamais acabará: “*E começaram a regozijar-se*” (Lucas 15.24); festa de alegria à mesa do Pai, dia da grande reunião que se prolongará pelo Estado Eterno, e que será “*o tabernáculo de Deus com os homens*” (Apocalipse 21.4).

A festa dos Tabernáculos através dos tempos

Ao chegar a Canaã, Israel logo se esqueceu que tinha sido estrangeiro no Egito e peregrino no deserto. Na realidade, vemos que a festa dos Tabernáculos só foi celebrada três vezes segundo as ordens divinas.

Primeiramente, durante o reinado de Salomão, por ocasião da dedicação do templo, quando os utensílios do lugar sagrado e a arca são finalmente reunidos na casa de Deus, tomada pela nuvem: “*Levanta-Te, pois, Senhor Deus, e entra para o Teu repouso, Tu e a arca do Teu poder*” (2 Crônicas 6.41). É o fim do tabernáculo itinerante. Mas Salomão e o seu reinado de paz são apenas uma amostra efêmera do futuro reinado do verdadeiro Filho de Davi.

Na época de Esdras, uma vez construído o altar e restabelecido o culto, a festa foi novamente celebrada (Esdras 3.4) e os holocaustos oferecidos.

Com Neemias, a festa dos Tabernáculos é novamente observada por um pequeno remanescente que voltou à terra de Israel. E qual foi o motivo desta celebração? Foi a leitura atenta do Livro da lei (Neemias 8.3-14).

Trata-se de uma lição muito importante para nós! O Livro não foi lido de qualquer maneira, mas lentamente, distintamente, interpretando o que se lia aos ouvidos do povo, que se deixou instruir para, a seguir, traduzi-lo em fatos: Era o dia da “Bíblia aberta”.

Já nos dias de Ezequias tinha sido este Livro, o que tinha levado o povo a celebrar a Páscoa como nunca tinha sido “*desde os dias de Salomão*” (2 Crônicas 30.26). A leitura do Livro também nos dias de Josias tinha levado o povo a celebrar de novo a Páscoa como nenhuma outra “*desde os dias do profeta Samuel*” (2 Crônicas 35.18).

Nos dias de Neemias estava-se precisamente no sétimo mês quando se descobre no Livro da lei que aquele era o momento de celebrar-se a festa dos Tabernáculos. Rapidamente, cada um correu para a montanha

em busca de folhagens necessárias e, uns no terraço, outros no pátio, outros nos átrios da casa de Deus, outros na praça da porta das águas, ou na de Efraim, todos levantaram tabernáculos nos quais habitaram durante uma semana e, que comprovação estranha!, “*nunca fizeram assim os filhos de Israel, desde os dias de Josué, filho de Num, até àquele dia; e houve mui grande alegria*” (Neemias 8.17).

Mas eis que não há novilhos para os holocaustos, nem sacrifícios para oferecer. Reconhecem sua debilidade e não podem apresentar-se perante o Senhor como deveriam. Mas permanecem ali, perante Ele e “*dia após dia, leu Esdras no Livro da lei de Deus, desde o primeiro dia até o último...no oitavo dia, houve uma assembléia solene, segundo o prescrito*” (v. 18).

Em Neemias, a festa dos Tabernáculos era como uma antecipação da futura ressurreição nacional. Nos evangelhos (Mateus 21, Marcos 11, João 12) a festa é como um esboço, como um começo, quando ramos de árvores são lançados aos pés do Senhor como Filho de Davi e Rei de Israel. Mas a verdadeira festa dos Tabernáculos não podia ser celebrada antes de que Jesus tivesse dado a Sua vida.

Chegará o momento (Zacarias 14) em que a verdadeira festa, a festa definitiva, seja celebrada no país de Canaã, quando os salvos de entre as nações subirão para tomar parte nestas santas e gloriosas solenidades. Então Israel descansará à sombra de sua vinha e de sua figueira e toda a terra se regozijará sob o Reinado do Príncipe da Paz.

O oitavo dia, antecipação do céu

Enquanto espera esses gloriosos dias anunciados pelos profetas a Israel, a Igreja, povo celestial, já possui pela fé uma antecipação desse gozo futuro.

Em João, capítulo 7, o Senhor tinha ido secretamente à festa dos Tabernáculos, então chamada de festa dos judeus, mas não Sua. Este não podia ser para Ele tempo de repouso e de glória. No deserto, a arca tinha acompanhado o povo em sua peregrinação, associando-se às vicissitudes ou indo “*adiante deles caminho de três dias, para lhes deparar lugar de descanso*” (Números 10.33).

Os irmãos de Jesus tinham querido que Ele subisse com eles para a festa. Mas Ele tinha vindo em graça, como a Palavra feita carne, para habitar – levantar tabernáculo – em nosso meio. Para Ele, divino Cordeiro da Páscoa que subia para ser sacrificado, era este o começo do “*caminho de três dias*” rumo aonde ia preparar para os Seus um “*lugar de descanso*”.

No oitavo dia, o grande dia da festa, Jesus se apresenta publicamente, o que é uma figura do que vai acontecer com Sua morte e ressurreição. E então se dirige não somente aos judeus, mas a todo aquele que tiver sede: “*Se alguém tem sede, venha a Mim e beba*” (v. 37).

No deserto, o povo tinha podido apagar sua sede graças a uma rocha ferida, cuja água, nunca esgotada, tinha conservado suas vidas: “*E a pedra era Cristo*” (1 Coríntios 10.4). Mas agora, como a samaritana, todos os que têm sede podem aproximar-se e, credo nEle, receber a água da vida da parte dAquele que é o único que pode dá-la.

Em João, capítulo 4, é uma água que salta para a vida eterna e que é motivo de louvar a Jesus, Aquele que a deu. Aqui, a água flui como rios de água viva do seio do crente que apaga sua sede com ela. A vida assim recebida dEle, penetra até ao mais profundo da alma e seus efeitos benditos se derramam para outros.

Só o Espírito Santo pode produzir estes frutos benditos quando o resgatado fixa seus olhos em um Cristo ressuscitado e glorificado: *“Porque há de receber do que É Meu e vo-lo há de anunciar”* (João 16.14). Como garantia da herança, o Espírito procura dar ao crente uma antecipação do céu enquanto espera a plena manifestação de Sua glória.

Como o criado de Abraão, que era o que *“governava tudo o que possuía”* Abraão, o Espírito mantém o coração do resgatado com Aquele a quem o Pai disse: *“É o Meu Senhor”* (Gênesis 24.2, 36, 65).

CONCLUSÃO

Números 28 e 29

Cada uma destas festas que vimos (da Páscoa, dos Pães Asmos, das Primícias, das Trombetas, do Dia da Expição e dos Tabernáculos) estava acompanhada de seus respectivos sacrifícios, como o mostram estes dois capítulos de Números. Aplicada esta verdade a nossas vidas, cada uma das etapas importantes da vida espiritual do cristão está vinculada ao sacrifício do Senhor Jesus.

Será que isto significa que somente nas grandes ocasiões da vida temos que pensar no Senhor Jesus? O começo do capítulo 28 dá a resposta: *“Da Minha oferta, do Meu manjar para as Minhas ofertas queimadas, do aroma agradável, tereis cuidado, para Mas trazer a seu tempo determinado... Esta é a oferta queimada que oferecereis ao Senhor, dia após dia; dois cordeiros de um ano, sem defeito, em contínuo holocausto; um cordeiro oferecereis pela manhã, e o outro, ao crepúsculo da tarde”* (vv. 2-4).

É o holocausto contínuo, acompanhado com uma oferta de flor de farinha e sua libação. Assim, o tempo para a oferta ao Senhor não se limitava às grandes ocasiões: cada dia o cheiro agradável devia subir perante Ele.

Se cada manhã e cada tarde sentíssemos mais o desejo de agradecer a Deus pelo Dom do Senhor Jesus, isso não contribuiria muito mais para manter-nos despertos e conservar o gozo de Sua comunhão? Cada manhã, pensemos nAquele que Se ofereceu e, cada tarde, bendigamos a Deus porque Ele veio, porque Ele Se entregou por nós.

Todas as manhãs e todas as tardes o cordeiro era oferecido em holocausto, mas no dia de sábado *“dois cordeiros de um ano, sem defeito”* com sua oferta de flor de farinha e sua libação. Era o holocausto do sábado, além do holocausto contínuo. Um dia por semana – o primeiro dia da semana para nós, o domingo – deve brotar um sentimento mais profundo, mais particular para com o Senhor Jesus, além do holocausto diário, dois cordeiros mais.

Finalmente, “*nos princípios dos vossos meses, oferecereis, em holocausto ao Senhor, dois novilhos e um carneiro, sete cordeiros de um ano, sem defeito*” (v. 11). Eis aqui o holocausto mensal para cada mês do ano. Estes meses do ano corriam paralelamente à celebração das festas. Correspondiam às luas e, em cada ciclo lunar, deviam oferecer um novo sacrifício.

Em certo sentido, a vida de um cristão deveria ser uma linha ascendente, contínua. Mas, por causa de nossas fraquezas e insuficiências, ela, como a lua, tem também suas fases: “minguantes” e “crescentes”, sombras e luzes, queda e restauração,... Cada vez Deus nos fala e em cada experiência nos é necessário pensar no sacrifício oferecido na cruz.

A lembrança da Obra completada no Calvário não é somente para os dias importantes de nossa vida; deve estar constantemente perante os olhos de nosso coração cada dia, cada semana, cada mês.

Os capítulos 28 e 29 de Números frisam o valor do holocausto, isto é, no que o Senhor Jesus é para Deus. É verdade que temos de lembrar do que Ele é para nós, do que Ele nos proporcionou, mas convém que nos elevemos em nossos pensamentos e que, a miúdo, falemos ao Pai dAquele em Quem Ele achou todo o contentamento. É o que Lhe devemos aqueles que gozamos da herança e temos parte no que cada uma das festas nos apresenta.

Assim, de dia em dia, de semana em semana, de mês em mês e de ano em ano, marcharemos rumo aquele “*oitavo dia*”, o dia da Eternidade, quando:

Para exaltar-Te, ó Rei ungido,
Do céu e da terra em coro unido,
Subirá no santuário um hino,
Sempre mais, sempre mais.

Tua face será a luz suprema
E de Tua graça a alma cheia,
Pra sempre Tua toda inteira
Te será, Te será.

De Ti a entrega expiatória,
De Teu amor, de Tua vitória,
A Igreja Te dirá a história
Mais além, mais além.

E ela, Tua pérola incomparável,
Prova de Tua graça admirável,
Pra sempre Tua graça adorável
Cantará, cantará.

Explicação da palavra “expição”

Nas versões portuguesas do Antigo Testamento, a palavra “expição” é usada para traduzir os termos hebreus que significam “coberta”, “cobertas” ou “cobrir”.

Na versão francesa de Darby, a palavra utilizada em vez de “expição” é “propiciação”. Esta última palavra a encontramos em português em três passagens do Novo Testamento: Romanos 3.25, 1João 2.2 e 4.10.

O propiciatório era a cobertura da arca (Êxodo 25.17-22). Portanto, “expição” não é uma tradução literal da palavra hebraica e deve ser compreendida como “ação de cobrir”.

As ofertas levíticas não podiam apagar e nem tirar os pecados (Hebreus 10.4). Elas os “cobriam” enquanto se esperava a Obra expiatória de Cristo na cruz. Para o crente do Antigo Testamento, um pecado expiado era um pecado coberto. *“Bem-aventurado aquele cuja iniquidade é perdoada, cujo pecado é coberto”* (Salmo 32.1) Romanos 3.25 diz: *“Por ter Deus, na Sua tolerância, deixado impunes os pecados anteriormente cometidos”*. Em Sua paciência, Deus podia “cobrir” ou “deixar impunes” os pecados por um certo tempo; no entanto, por causa de Sua justiça, não podia tirá-los, como podemos ler em Hebreus 10.4: *“Porque é impossível que o sangue de touros e de bodes remova pecados”*. Unicamente o sangue de Cristo pode tirar os pecados: *“Ele Se manifestou para tirar os pecados, e nEle não existe pecado”* (1 João 3.5).

Assim, até que a justiça de Deus fosse vindicada pela morte da Santa Vítima na cruz, Deus só podia “expiar”, no sentido de “cobrir”, os pecados do homem. Unicamente a Obra da cruz permite a Deus manifestar *“Sua justiça no tempo presente, para Ele mesmo ser justo e justificador daquele que tem fé em Jesus”* (Romanos 3.26).

Jesus, o Filho de Deus, Vítima inocente e santa, apresentou-Se para cumprir no Gólgota a Obra mediante a qual foi expiado o pecado, liquidada inteiramente a questão do bem e do mal e glorificar plenamente o Deus salvador e santo. A cruz é a prova da expiação.

Assim, a Obra da cruz tem esta virtude expiatória, purificando para sempre de todo pecado aos que se apropriem do valor desta Obra. Os sacrifícios de expiação da lei mosaica eram apenas *“sombrias”* (Hebreus 10.1) da realidade do sacrifício de Cristo na cruz.

É proveitoso recordar disso enquanto se leem os muitos versículos do Antigo Testamento em que se menciona a palavra “expição”.

O PÃO DA TERRA

Números 15.19

No deserto, os israelitas se alimentavam do maná. Cada manhã tinham que levantar-se bem cedo a fim de recolher a quantidade de que necessitassem para o consumo do dia. Isto é repetido seis vezes em Êxodo 16. Era impossível fazer provisão para mais de um dia, pois que o maná criava vermes.

Em João, capítulo 6, quando a multidão increpava a Jesus dizendo-Lhe: *“Nossos pais comeram o maná no deserto”*, Ele lhes respondeu: *“Eu sou o pão da vida; o que vem a Mim jamais terá fome; e o que crê em Mim jamais terá sede”* (vv.353-36).

Cada manhã temos o gozo de achar nas Escrituras a figura de um Cristo descido à terra, Homem entre os homens, enviado pelo Pai para dar-nos vida eterna. Não só os evangelhos falam-nos dEle, mas também o Antigo Testamento: *“Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho e Lhe chamará Emanuel”* (Isaías 7.14); *“eis aqui o Meu servo, a quem sustenho, o Meu escolhido, em Quem a Minha alma se compraz”* (Isaías 42.1); entre outras citações.

Tendo Israel chegado a Canaã, a cena muda: *“Comeram do fruto da terra, no dia seguinte à Páscoa... No dia imediato, depois que comeram do produto da terra, cessou o maná”* (Josué 5.11-12). O povo acabava de atravessar o Jordão, onde doze pedras foram levantadas como monumento comemorativo daquele feito notável, símbolo de nossa identificação com Cristo em Sua morte.

Outras doze pedras tiradas do fundo do rio foram erigidas em Gilgal e são uma figura de nossa união com Cristo em Sua ressurreição. Introduzidos desta maneira na Terra Prometida, os israelitas gozam de um novo relacionamento com Deus. Agora é necessário que combatam para conquistar o que Deus lhes tem dado: *“Todo lugar que pisar a planta de vosso pé, vo-lo tenho dado”* (Josué 1.3).

Na experiência cristã, isto corresponde ao ensino aos Colossenses e, principalmente, aos Efésios: *“Se fostes ressuscitados juntamente com Cristo, buscai as coisas lá do,alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus”* (Colossenses 3.1); *“e juntamente com Ele, nos ressuscitou, e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus”* (Efésios 2.6). Está relacionado também com a luta que temos de suste, segundo Efésios 6.10-18. A partir daquele momento, o maná deixa de ser alimento, pois Cristo desceu do céu e temos *“o fruto da terra, os pães asmos e cereais tostados”*.

“O fruto da terra” nos fala de Cristo nos conselhos de Deus. *“Pai... Me amaste antes da fundação do mundo”* (João 17.24); *“Eis aqui estou... para fazer. Ó Deus, a Tua vontade”* (Hebreus 10.7).

“Os pães asmos e os cereais tostados” eram o produto da colheita *“do país”*. A alma se alimenta de Cristo, vítima sem defeito e sem mancha, que padeceu, morreu e ressuscitou. Já não se pode achar na cruz (*“Porque buscais o vivente entre os mortos?”*), mas Ele é visto na glória. É o molho das primícias (Levítico 23), a avezinha que voa para o céu (Levítico 14), é o pão da terra (Números 15). Para nós, é o Senhor que, no dia da Sua ressurreição, aparece aos discípulos que estão reunidos; é Jesus que agora vemos coroado de glória e de honra; é o Cordeiro no meio do trono.

A vida cristã se desenvolve tanto no *“deserto”* como na *“terra”*. Resgatados por meio da morte de Cristo (Páscoa no Egito), libertados do poder do inimigo (Mar Vermelho), atravessamos este mundo semelhante a um deserto, mas, ao mesmo tempo, experimentamos os cuidados do Senhor e nossa alma se renova interiormente cada dia por meio da Palavra que lemos e na qual meditamos, e na qual devemos buscar principalmente a Pessoa de nosso Senhor Jesus (o maná).

Se, pela fé, sabemos que temos morrido e ressuscitado com Cristo, vivemos também “*na terra*”, de maneira que temos de conquistar e apropriar-nos pessoalmente de todas as bênçãos espirituais que Deus nos dá por intermédio de Cristo, para o que é preciso que cada dia nos alimentemos do Senhor Jesus ressuscitado e glorificado e que busquemos “*as coisas lá do alto, onde Cristo vive, assentado à direita de Deus*” (Colossenses 3.1).

A Palavra de Deus ainda vai mais longe: “*Quando chegardes à terra em que vos farei chegar, ao comerdes do pão da terra, apresentareis oferta ao Senhor... das primícias da vossa farinha grossa apresentareis oferta nas vossa gerações*” (Números 15.18-21). No deserto conservava-se dentro da arca uma urna que continha maná, figura de Cristo em Seu caráter de pão da vida descendo do céu. No entanto, na Terra Prometida era necessário oferecer ao Senhor “*primícias da vossa farinha*”.

A alma, alimentada do Cristo glorificado poderá apresentar-se perante Deus e oferecer-Lhe “*o fruto de lábios que confessam o Seu Nome*” (Hebreus 13.15). Os sacrifícios de louvor não só expressam reconhecimento por ter-nos salvo, mas apresentam ao Pai o que Seu Filho é para Ele (Salmo 50.14, 23). Durante a sega, o primeiro molho era oferecido a Deus (Levítico 23.10). Uma vez terminada a colheita, quando o grão já tinha sido batido, moído e o trigo preparado, novamente as primícias eram oferecidas ao Senhor.

Deus permita que possamos ser alimentados assim de Cristo, tanto em Sua vida quanto em Sua morte, em Sua ressurreição e em Sua ascensão à glória, a fim de que nossos corações, repletos dEle, possam render ao Pai o culto que Ele espera de Seus adoradores!

G. André

.oOo.